



<https://doi.org/10.59776/2357-8203.2026.7775>

## A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM ROMANCE DE LULA-LUA DE ZILA MAMEDE: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES LÍRICAS

### VIOLENCE AGAINST WOMEN IN ROMANCE DE LULA-LUA BY ZILA MAMEDE: AN ANALYSIS OF LYRICAL REPRESENTATIONS

Isabel Andrade de Lima<sup>1</sup>

Julia Alice Sousa Marques<sup>2</sup>

Karen Priscilla Barreto de Medeiros<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0009-0005-9975-1932>

**RESUMO:** De uma vasta produção literária inserida no intervalo de 1953 – estreando com *Rosa de pedra* – a 1984 – com *A herança*, sua última publicação – aparecem muitos temários na poética de Zila Mamede, dentre eles a figura da mulher em sociedade. Alicerçado nesse viés da poética da autora, cânone da literatura brasileira produzida em solo potiguar, o presente trabalho busca analisar representações líricas da violência de gênero no contexto da poesia moderna nos versos de “Romance de lula-lua” (2023). No que concerne à metodologia, seguimos os apontamentos de Casarin e Casarin (2012) e Gil (1996), assim, este estudo está embasado no viés bibliográfico, com caracteres exploratórios e explicativos, uma vez que apoia-se em documentações escritas e pretende divulgar as representações líricas da figura feminina no contexto de violência. No arcabouço teórico sobre a poesia de Zila Mamede estão os estudos de Alexandre Alves (2006), Brito e Siqueira (2022). Como base teórica acerca da poesia moderna e sobre violência utilizamos Alfredo Bosi (1993), Araújo e Barros (2006), Hugo Friedrich (1979), Jaime Ginzburg (2010; 2012), Karl Erik Schollhammer (2000), entre outros. No texto poético analisado, o resultado aponta para uma figuração de denúncia do contexto abusivo vivenciado pelo eu-lírico, atravessado pela relação de poder e posse do ser masculino com a figura feminina,

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [isabel20230047730@alu.uern.br](mailto:isabel20230047730@alu.uern.br)

<sup>2</sup> Discente do curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: [julia20230055455@alu.uern.br](mailto:julia20230055455@alu.uern.br)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4554977408406915>. E-mail: [karenpriscilarn@gmail.com](mailto:karenpriscilarn@gmail.com)

permitindo refletir sobre a atemporalidade do poema, que suscita discussões acerca da realidade social atual das mulheres no que tange à violação de seus corpos, considerando o ano da primeira publicação da obra *Exercício da palavra* (1975).

**Palavras-chave:** poesia; violência; gênero; Zila Mamede.

**ABSTRACT:** From a vast literary production spanning the period from 1953 – debuting with *Rosa de pedra* – to 1984 – with *A herança*, her last publication – many themes emerge in Zila Mamede’s poetry, among them the figure of women in society. Grounded in this perspective of the author’s poetry, a canon of Brazilian literature produced in Rio Grande do Norte, this work seeks to analyze lyrical representations of gender-based violence in the context of modern poetry in the verses of “Romance de Lula-Lua” (2023). Regarding methodology, we follow the approaches of Casarin and Casarin (2012) and Gil (1996). Thus, this study is based on a bibliographical approach, with exploratory and explanatory characteristics, as it relies on written documentation and aims to disseminate lyrical representations of the female figure in the context of violence. The theoretical framework for Zila Mamede’s poetry includes studies by Alexandre Alves (2006), Brito e Siqueira (2022). As a theoretical basis for modern poetry and violence, we use Alfredo Bosi (1993), Araújo e Barros (2006), Hugo Friedrich (1979), Jaime Ginzburg (2010; 2012), Karl Erik Schollhammer (2000), among others. In the poetic text analyzed, the result points to a figuration of denunciation of the abusive context experienced by the lyrical self, traversed by the relationship of power and possession between the male being and the female figure, allowing us to reflect on the timelessness of the poem, which raises discussions about the current social reality of women regarding the violation of their bodies, considering the year of the first publication of *Exercise of the Word* (1975).

**Keywords:** poetry; violence; gender; Zila Mamede.

---

## 1 INTRODUÇÃO

No campo da lírica moderna potiguar, Zila Mamede (1928-1985) desponta como um dos principais nomes da produção poética norte-rio-grandense. Em uma vasta produção literária inserida no intervalo de 1953 – com estreia marcada por *Rosa de pedra* – a 1984 – com *A herança*, sua última publicação – aparecem muitos temários em seus versos, dentre eles a figura da mulher presente na sociedade, em suas mais diversas formas. Em *Romance de Lula-lua* (Mamede, 2023), a poeta trata da violência para com a figura feminina, tema que não era costumeiro à poesia produzida na época e, portanto, a coloca no lugar de transgressora entre seus contemporâneos.

De acordo com Araújo e Barros (2006, p. 63 e 64) a “[...] modernidade representa uma postura de ruptura e subversão dos padrões vigentes em qualquer época, tendo, portanto, um caráter crítico”, desse modo, é possível inferir que o poema utilizado como mote de estudo na pesquisa em comento estabelece uma relação de disparidade com os padrões vigentes, isto é, uma produção poética que afastava-se do cunho da denúncia social. Neste certame, o presente trabalho tem

como objetivo analisar as representações líricas da violência contra a mulher sob a perspectiva da poesia moderna acerca do temário feminino dos versos de *Romance de Lula-lua* (2023).

Quanto aos elementos que justificam a realização deste trabalho, destaca-se que a análise em comento está pautada na compreensão das relações de violência, posse e poder masculino explicitadas nas estrofes do poema escolhido, bem como nas variações e semelhanças de percepções possíveis, com foco nas escolhas lexicais da poeta e, ainda, na problemática que sua poesia denuncia. Além disso, explora a disseminação da escrita feminina norte-rio-grandense, ampliando, dessa forma, a fortuna crítica acerca da linguagem poética da autora.

No que concerne à metodologia utilizada, seguimos os apontamentos de Casarin & Casarin (2012) e Gil (1996), à vista disso, este estudo está embasado no viés bibliográfico, com caracteres exploratórios e explicativos, uma vez que se apoia em documentações escritas – método de estudo mais utilizado na esfera da crítica literária – e pretende divulgar as representações líricas da figura feminina no contexto de violência explicitado no poema escolhido como mote de estudo, identificando fatores que possam determinar ou aguçar o abuso retratado. Sendo assim, os versos utilizados para a análise foram selecionados de modo que os objetivos apontados possam ser observados com seu sentido mais completo.

Para cumprir com o objetivo proposto, no arcabouço teórico sobre a poesia de Zila Mamede estão presentes os estudos de pesquisadores como: Alexandre Alves (2006), Brito e Siqueira (2022), entre outros. Por outro lado, para exemplos da base teórica sobre conceitos e estrutura da escrita de poesia moderna e contemporânea, estão as produções de Hugo Friedrich (1979), Alfredo Bosi (1993) e Araújo e Barros (2006).

Sob outra perspectiva, para enlevar as discussões em torno da temática da violência representada no poema escolhido, utilizamos Jaime Ginzburg (2010; 2012) tratando da relação entre literatura, violência e melancolia, além da crítica em tempos de violência, Karl Erik Schollhammer (2000) versando acerca das linguagens da violência e dos discursos literários contemporâneos e seus efeitos de sentido, pertinentes à análise do poema que denuncia as dinâmicas de poder enraizadas na sociedade contemporânea.

## 2 REPRESENTAÇÕES LÍRICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM “ROMANCE DE LULA-LUA”

Munida de aspectos característicos da poesia moderna, em 1953, com sua obra de estreia *Rosa de pedra* – nota-se uma explícita influência da poética de João Cabral de Melo Neto –, Zila Mamede expõe os primeiros passos de uma poética transgressora. Assim, inserida no contexto da Geração de (pós) 45, a poesia de Zila Mamede – autora de *Salinas* (1958) e *O arado* (1959) – revela uma confluência entre preocupações de cunho intimista e social.

Embora também seja lembrada por sua atuação como bibliotecária, pois trabalhou incessantemente na bibliografia de João Cabral de Melo Neto, é na prática poética que se encontra sua mais significativa contribuição cultural e literária. Com versos que revelam um eu lírico atento, contemplativo e por vezes tenso diante das transformações do ambiente que o cerca e, inclusive pelas emoções provenientes de tais modificações (Alves, 2006).

No entanto, pelo viés disruptivo propagado pelo eu lírico de seus versos, Mamede aparece incluída por Manuel Bandeira na *Apresentação da Poesia Brasileira* (1966) e por Milton de Godoy na *Antologia Poética da Geração de 45* (1966). Sua presença nessas seleções, que são tradicionalmente dominadas por figuras masculinas, torna-se um feito significativo, visto que revela a qualidade e a força de sua poética, ao passo que também aponta para a exclusão feminina sofrida historicamente. Mamede, portanto, se consolida como uma das raras vozes femininas mencionadas e reconhecidas em compilações dedicadas à poesia moderna brasileira.

Modernismo esse que começa a dar os primeiros passos no limítrofe norte-riograndense na década de 1920, em um cenário de urbanização pós Primeira Guerra, e ganha força com o *Livro de Poemas* (1927) de Jorge Fernandes. Em solo potiguar, segundo Brito e Siqueira (2022, p. 95), a escrita moderna pode ser utilizada como marco da “[...] construção de novos tempos, tempos modernos de urbanização, [...] uma tensão entre o tradicional e o novo”. No entanto, além de traçar tais contrapontos nas linhas de seus poemas, Mamede delinea também uma discussão acerca das problemáticas que surgem e/ou ganham força a partir dessa urbanização emergente.

Neste sentido, a poética mamediana explicita reflexões que abrangem diversas áreas da sociedade, tais como: o processo de modernização local e nacional, ou seja, da sua cidade Natal e do país Brasil; e, dentre elas, a condição de violência da mulher no espaço social. Por isso, em relação ao último citado, leiamos abaixo versos da estrofe de abertura de *Romance de Lula-lua* (Mamede, 2023, p. 54):

[...] ventre apanhado  
violentado:  
espanto e choro  
na assombração  
Lula-luzindo  
seu coração  
porcos pedindo  
água e ração  
e Luz-Luzia  
se consumindo  
veste a mortalha  
veste o caixão.

Conforme exposto na estrofe acima, é possível notar o padrão tradicional de escrita – da esquerda pra direita –, além da evolução rimada dos versos, isto é, um poema que, apesar de moderno no tema, não segue as características comumente atreladas à forma da escrita moderna, tais como: incompletude de rimas, ritmo fragmentário e pontuação não convencional (Friedrich, 1979). Com a evolução das linhas do poema, o eu lírico constrói a imagética da figura feminina violentada, transpassada e silenciada (ventre apanhado / violentado: / espanto e choro) que, todavia, não tem como usufruir de outro destino, senão a morte (veste a mortalha / veste o caixão).

Uma das temáticas mais notórias na íntegra do poema é, sem dúvidas, a realidade cruel da violência contra a mulher, que muitas vezes acarreta até mesmo a sua morte. Sobre esse pressuposto, consideramos o ato conforme Ginzburg (2012, p. 11) em sua obra:

[...] vou tratar de violência dentro de uma delimitação específica. Aqui a violência é entendida como uma situação, agenciada por um ser humano ou um grupo de seres humanos, capaz de produzir danos físicos em outro ser humano ou outros grupos de seres humanos. Estou entendendo a violência como um fenômeno que inclui um deliberado dano corporal. A violência, tal como definida aqui, envolve o interesse em machucar ou mutilar o corpo do outro, ou leva-lo à morte.

Em diálogo, de acordo com Schollhammer (2000), a violência aparece como elemento constitutivo da cultura humana que, por sua vez, acompanha o crescimento e a rapidez da urbe. Como comentado anteriormente, tal fato pode ser observado na escrita de Mamede, bem como na contemporaneidade da época, pois esse atravessamento ocorre em um momento em que as mulheres ocupavam cada vez mais espaço e, por conseguinte, multiplicavam-se as formas de serem violentadas, vejamos em (Mamede, 2023, p. 55):

[...] a virgindade  
morre nas mãos  
assassinada  
por homem-cão  
Lula evocando  
céu proteção  
morre mansinho  
chamando em vão.

Para Brito e Siqueira (2022, p. 100), assim como em outros poemas, “apesar de empregar formas fixas, [...] a linguagem não é rebuscada e tem um vocabulário próximo da estética modernista” aspecto que está inserido em todos os versos, caso da palavra “mansinho” utilizada para elucidar a forma de morte. Além disso, podemos notar a menção ao estupro, quando a voz enunciativa do poema apresenta a virgindade dilacerada por uma criatura animalesca (a virgindade / morre nas mãos / assassinada / por homem-cão), fato que aparece também em “Soneto para construção do arranha-céu” (Mamede, 2023) mas de forma inversa, no poema utilizado como exemplo, a poeta humaniza o edifício por meio do processo de personificação, neste caso, ela retira o homem do lugar de humano, uma vez que, somente uma criatura desprovida de humanidade seria capaz de realizar uma ação tão cruel e selvagem.

Essa interpretação, não obstante, está atrelada à pluralidade de sentido das escolhas lexicais da poeta que, por sua vez, assume o sentido que o leitor deseja dar ao realizar a leitura, com base em suas crenças e bagagem literária adquirida. De acordo com Bosi (1993, p. 524) esta é uma das características da geração pós 45, na qual Mamede está inserida em termos de temporalidade, leiamos:

[...] No processo vivo e concreto da elaboração do poema, não há conteúdos fora do jogo semântico que a palavra empreende com a outra palavra: por outro lado, as formas que se oferecem aos sentidos do leitor não terão nenhum sentido antes de serem decodificadas pela rede perceptual deste, condicionada por contextos culturais, morais, estéticos e políticos que devem ser afetados por essas formas. E um dos méritos das poéticas mais recentes está

precisamente em dar ênfase ao processo global de criação-transmissão recepção do texto, que, de início, abala velhos compromissos com a expressão intimista.

Desse modo, é cabível inferir que o grau de gravidade da violência contra a mulher neste poema usufrui também da capacidade de compreensão do leitor, abrindo margem para diversas interpretações possíveis. Essa ambiguidade pode ser percebida também na titulação do poema, ao optar pelo vocábulo “romance”, a poeta abre margem para que seja compreendido, inicialmente, como uma história de amor – seja essa irônica ou não – ou fazer alusão ao romance como narrativa longa, isto é, a violência durou tempo o suficiente para acarretar a morte da figura feminina. Para Friedrich (1979, p. 160) o título na poesia moderna:

[...] pode chegar a ser um portador da—nova linguagem. De acordo com a forma tradicional, um título nomeia o tema, o assunto, a emoção da poesia e este mesmo desenvolve ou então realiza o que o título anuncia, como, ao contrário [...]. Tais incongruências, nas quais o conteúdo de uma poesia não se—ajusta ao seu título, acrescentam ao respectivo texto uma ulterior camada de ambiguidade.

Todavia, nota-se ainda uma possível crítica à providência religiosa (Lula evocando / céu proteção / morre mansinho / chamando em vão), possivelmente para explicitar que, mesmo possuindo tamanha fé – como esperado para os padrões da época –, o divino havia abandonado as mulheres em um momento de tamanha fragilidade.

Segundo Ginzburg (2010), a violência retratada nas produções deste período é fruto de um impacto traumático considerável que não foi coletivamente superado, por este motivo, é comum encontrar profundas marcas culturais e sociais dessa. Portanto, vejamos abaixo mais um recurso imagético atribuído ao agressor (Mamede, 2023, p. 56):

“[...] Punhal peixeira  
a atravessou?  
- Homem peixeira  
a acurralou.”

Nos dois primeiros versos destacados acima, temos a presença de uma indagação do eu lírico cuja resposta aparece logo em seguida marcada por um travessão – marca de uma escrita modernista –, no entanto, quem a responde não fica claro ao leitor. Nota-se, ainda, que o homem que antes era retratado como bicho, agora é peixeira, indicando uma forma diferente de ferir o corpo que deixou Lula-lua sem saída alguma, sendo assim, mais uma vez a representação de armas e formas de violência contra a figura feminina.

“[...] E minha veste?  
- Homem rasgou.  
Meu corpo intacto?  
- Homem tocou.  
A virgindade?  
- Desvirginou.  
Meu sexo puro?  
- Ensanguentou.”

Nos versos acima é possível perceber, novamente, a dinâmica que se repete em forma de indagações e respostas – realizadas pelo próprio eu-lírico, notado pela expressão “minha” no primeiro verso da estrofe selecionada – para criar efeito de sentido. Nesse momento, a poeta, pelas escolhas lexicais, promove um processo de construção da problemática, tornando-a ainda mais explícita e palpável, em especial com a escolha das palavras “rasgou”, “desvirginou”, “tocou” e “ensanguentou”.

Nesse aspecto, a denúncia de abuso se torna observável com facilidade, a relação da pureza do antes com a contaminação que deixou no corpo e mente da mulher depois. A representação poética do “antes” e do “depois” configura-se, assim, como um discurso que tensiona as fronteiras entre memória, identidade e violência. Dessa maneira, Mamede constrói, em *Romance de Lula-lua*, uma crítica ao abuso, mesmo que de forma sutil, dentro de sua poética. Ao passo em que, ao mesmo tempo, elabora para o leitor uma estética de dor, realidade cultural e resistência feminina, mesmo em tempos que torna-se difícil resistir.

Ao refletir sobre os elementos presentes na poética de Zila Mamede, especialmente na obra escolhida analisada, é possível perceber como sua escrita, mesmo de forma sutil, antecipa discussões que permanecem pertinentes na atualidade. A representação da violência na visão da autora, como uma ruptura entre o “antes” e o “depois” do sujeito feminino ainda espelha a realidade de muitas mulheres, que experienciam, diariamente, vivências envolvendo diversos tipos de abuso. Assim, a obra de Mamede, ao articular memória, identidade feminina e resistência, além de se colocar como instrumento de denúncia aos contextos opressores do passado, também incita a reflexão sobre a urgência do combate à violência de gênero na contemporaneidade, reafirmando a importância da literatura como espaço de resistência feminina.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto poético analisado, o resultado aponta para uma figuração de denúncia do contexto abusivo vivenciado pelo eu-lírico, atravessado pela relação de poder, sensação de liberdade e posse do ser masculino para com a figura feminina. Além disso, é possível refletir, ainda, sobre o caráter de atualidade do poema, pois permite uma discussão acerca da realidade social atual das mulheres no que tange à violação de seus corpos, considerando o ano da primeira publicação da obra *Exercício da palavra* (1975).

Ademais, a análise outorga uma reflexão sobre a permanência e a atemporalidade das questões levantadas pela poeta, especialmente no que concerne à violação dos corpos femininos, além das múltiplas formas de violência contra a mulher na contemporaneidade. Mesmo com sua publicação original tendo sido em 1975, no livro *Exercício da Palavra*, o poema escolhido dialoga expressivamente com debates mais atuais sobre opressão e representatividade feminina na literatura, apontando para a urgência de abordagens críticas que reconheçam o potencial subversivo da voz poética feminina.

Nesse sentido, o presente estudo reforça a importância de se (re)descobrir obras como a de Zila Mamede, cujas camadas de sentido ainda reverberam discursos sociais pertinentes, que contribuem para uma leitura crítica que expõe as marcas da violência de gênero e posiciona a poesia como instrumento de denúncia e resistência, ampliando o campo de reflexão sobre o lugar da mulher na literatura e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre. **Silêncio, mar**: a poesia de Zila Mamede nos anos 50. Natal: Sebo Vermelho edições, 2006.

ARAÚJO, Fidélia Cassandra Pereira; BARROS, Valécio Irineu. A modernidade na poética de Emily Dickinson. In: AZEREDO, Genilda; MENDONÇA, Jeová (Org.). **Letra Viva** – A Palavra Viva de Emily Dickinson. Edição Especial. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

BRITO, Luana Borges Scarpini de; SIQUEIRA, Joelma Santana. A inflexão neoclássica e a poesia social em Rosa de Pedra (1953), de Zila Mamede. **Jangada**, n. 19, p. 88-108, jan/jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/420/351>. Acesso em: 02 de julho de 2025.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Livraria duas cidades, 1979

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, 2010.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2012.

MAMEDE, Zila. **Exercício da Palavra**. Natal: EDUFRN, 2023.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto et al. **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

---

**Recebido:** 09/02/2026

**Aceito:** 02/07/2026

**Publicado:** 21/08/2026

### COMO CITAR:

LIMA, Isabel Andrade de; MARQUES, Julia Alice Sousa; MEDEIROS, Karen Priscilla Barreto de. A violência contra a mulher em romance de Lula-lua de Zila Mamede: uma análise das representações líricas. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 11, n. 1, p. 158–165, 2026. DOI: 10.59776/2357-8203.2026.7775. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/7775>.